

CORRELAÇÃO ENTRE DESESPERANÇA E QUALIDADE DE VIDA EM APOSENTADOS DO ALTO TIETÊ

Verônica Santos de Toledo¹; Elisabete Lourenço dos Santos²; Suleima Joly Rodrigues³; Geovana Mellisa Castrezana Anacleto⁴

1. Estudante do curso de Psicologia; e-mail: veronica.s2@htmail.com
2. Estudante do curso de Psicologia; e-mail: elisabetelsantosgm@gmail.com
3. Professor da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: suleimajoly@yahoo.com.br
4. Professor da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: geovanamc@umc.br

Área de Conhecimento: **Estados Subjetivos e Emoção**

Palavras Chaves: Aposentadoria; Qualidade de vida; Desesperança.

INTRODUÇÃO

O atual cenário demográfico brasileiro é representado pelo aumento da expectativa de vida e conseqüente aumento do número de idosos e aposentados, provocando intensas modificações em diferentes esferas da sociedade. Planejar a aposentadoria é considerar o envelhecimento com qualidade de vida independente da classe social. Este estudo aventa a hipótese de que os primeiros anos de aposentadoria podem corroborar para intensificar sentimentos de desesperança, assim como outros sintomas ocasionados pelo baixo índice de qualidade de vida. Como apresentado por Moreira (2000) a busca por qualidade de vida, assim como a de trabalho, apresenta-se como uma das características fundamentais da espécie humana, destacando a necessidade de constante superação de condições adversas na tentativa incessante de querer viver bem. O indivíduo que apresenta crença de desesperança tende a prever o futuro sem expectativas, perde a motivação pela vida e seu desejo de viver é arruinado (BECK et al., 1997). Superar sentimentos de impotência e desesperança é indispensável para que esses indivíduos possam vislumbrar outras possibilidades. Assim, o estudo correlacionou o índice de desesperança com qualidade de vida em 34 indivíduos divididos em 2 grupos: G1 – até 2 anos de aposentado; G2 – de 3 a 5 anos de aposentado, apresentando correlação negativa. Os ambientes de onde foram selecionados, indicam participantes ativos socialmente por frequentarem grupos de estudo, de atividades físicas e grupos religiosos, o que colabora para uma melhor qualidade de vida e conseqüentemente baixo índice de desesperança neste período de vida marcado pela aposentadoria.

OBJETIVOS GERAL

Comparar o nível de desesperança e qualidade de vida de aposentados a partir de 50 anos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Verificar o perfil sócio demográfico dos aposentados; identificar os níveis de desesperança dos aposentados; identificar os níveis de qualidade de vida dos aposentados.

MÉTODOLOGIA

Trata-se de um estudo de natureza aplicada/empírica transversal, de análise quantitativa e correlacional, objetiva, explicativa de estudo de caso, onde se buscou investigar como a aposentadoria afeta a qualidade de vida dos idosos e se relaciona com sentimentos de desesperança. Para o desenvolvimento desse trabalho foram selecionadas 34 pessoas, moradores da Região do Alto Tietê, cuja amostra foi escolhida por conveniência. Foram selecionados 17 indivíduos aposentados nos últimos 2 anos e 17 aposentados entre 3 a 5 anos. Critérios de inclusão: aposentados pelo serviço estadual ou pelo Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), no período máximo de 5 anos, tendo efetivamente trabalhado, seja em regime de Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), na qualidade de autônomos ou estatutários. Critérios de exclusão: aposentados por invalidez. O projeto orienta-se de acordo com a Resolução 466/12 e 510/16. A pesquisa foi iniciada após avaliação e parecer do Comitê de Ética em pesquisa com seres humanos conforme a Resolução CNS 466/12 (CAAE: 68801617.5.00005497). Após aprovação, foram contatadas pessoas através de contatos em sindicatos trabalhistas, em uma instituição de ensino e aprendizagem para pessoas da terceira idade e em instituição de saúde municipal responsável por atendimento integral ao idoso. A coleta de dados destes participantes foi realizada em pequenos grupos agendados na instituição de ensino da pesquisa e nas próprias instituições relacionadas. As pessoas foram esclarecidas sobre a participação no estudo e após apresentação oral do projeto, foi solicitado aceite e consentimento por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os instrumentos foram aplicados na seguinte ordem: Escala de desesperança de Beck, Teste de Qualidade de Vida e Questionário Sócio demográfico. A participação no estudo levou em torno de 20 minutos.

RESULTADOS/DISCUSSÃO

A população de estudo foi composta por 34 sujeitos, com idade média de 60,44 anos sendo a amplitude de 50 e 70 anos. Os participantes foram divididos em dois grupos, denominados G1 (recém aposentados em até 2 anos completos) e G2 (aposentados de 3 a 5 anos completos) conforme apresentado na tabela 1. Destacou-se que o índice de Ensino Superior é predominante nos participantes recém aposentados (82,35%), ou seja, os mais novos, indicando uma melhora no ensino e oportunidade de aprendizado nesta geração.

Tabela 1– Características sociodemográficas da população estudada

SOCIODEMOGRÁFICO		G1		G2		TOTAL	
		F	%	F	%	N	%
GÊNERO	Feminino	13	76,47	13	76,47	26	76,47
	Masculino	4	23,53	4	23,53	8	23,53
IDADE	50 - 59	8	47,05	5	29,41	13	38,23
	>60	9	52,94	12	70,58	21	61,76
ESTADO CIVIL	Divorciados/ solteiros	4	23,52	6	35,29	10	29,41
	Casados	12	70,58	7	41,17	19	55,88
	Viúvos	1	05,88	4	23,53	5	14,70
ESCOLARIDADE	Ensino Fundamental	1	05,88	7	41,17	8	23,52
	Ensino Médio	2	11,76	3	17,64	5	14,70
	Ensino Superior	14	82,35	7	41,17	21	61,17
RENDA FAMILIAR	≤ 1 S.M.	1	05,88	2	11,76	3	08,82
	De 2 a 5 S.M.	5	29,41	9	52,94	14	41,17
	≥6 S.M.	10	58,82	3	17,64	13	38,23
	não informou	1	05,88	3	17,64	4	11,76
PRINCIPAL PROVIDOR	O próprio	14	82,35	12	35,29	26	76,47
	Conjuge	3	17,64	4	23,52	7	20,58
	Não informou	0	0,00	1	05,88	1	02,94
RESIDÊNCIA	Própria	19	94,11	14	82,35	33	88,23
	Financiada	1	05,88	1	05,88	2	05,88
	Aluguel	0	0,00	1	05,88	1	02,94
	Não possui	0	0,00	1	05,88	1	02,94
CARRO	Próprio	12	35,29	7	41,17	19	55,88
	Financiado	0	0,00	3	17,64	3	08,82
	Não possui	5	29,41	7	41,17	12	35,29
MOTIVO APOSENTADORIA	Idade	4	23,52	8	47,05	11	32,35
	Contribuição	13	76,47	9	52,94	23	67,64
IDADE (primeiro emprego)	≤ 10 anos	1	05,88	3	17,64	4	11,76
	De 11 a 15 anos	6	35,29	8	47,05	14	41,17
	Acima de 16	10	58,82	6	35,29	16	47,95
IDADE (aposentadoria)	≤ 59 anos	11	64,70	7	41,17	18	52,94
	≥ 60 anos	6	35,29	10	58,82	16	47,95

Os resultados deste estudo apontaram que 76,47% dos participantes são os principais provedores de renda da família, e 20,58% dos participantes atrelam o conjuge a esta responsabilidade. Coutrim (2006) apresenta que a aposentadoria pode possibilitar ao idoso uma maior segurança econômica e que embora sujeita a gastos imprevistos com remédios e demais tratamentos de saúde, esta parcela da população possui hoje, melhores condições financeiras do que os mais jovens. Os resultados apontam que 73,52% dos participantes informaram que não realizam atividade remunerada mesmo após se aposentar, enquanto que apenas 26,47% relataram continuar trabalhando, sendo 8,82% destes continuavam trabalhando na mesma empresa em que se aposentaram. Em contrapartida ao baixo índice de indivíduos que realizam atividades remuneradas e que não dependem exclusivamente do benefício social, Camarano (2001) compreende que a aposentadoria no Brasil, não é marcada necessariamente com a saída dos trabalhadores do mercado de trabalho, uma vez que muitos desejam continuar a ter uma atividade remunerada. Além disso, em 2020 espera-se que 11% da população economicamente ativa seja constituída por trabalhadores idosos (FRANÇA e SOARES, 2009). Os domínios que compõem o WHOQOL-bref apresentaram os seguintes escores e medidas de posição, a considerar o valor da média de 0 a 20, sendo quanto mais próximo de 20 melhor qualidade de vida: Domínio físico (Media: 15,88; Desvio padrão: 2,57); Domínio psicológico (Media: 16,24; Desvio padrão: 2,34); Domínio relações sociais (Media: 15,53; Desvio padrão: 1,87); Domínio meio ambiente grupo 1 (Media: 15,47; Desvio padrão: 2,17). Quanto a auto avaliação de qualidade de vida dos participantes, o resultado apresentou média de 16,65 e desvio padrão de 2,01. De acordo com os dados obtidos pela aplicação do

teste BHS, observou-se que 88,23% dos participantes possuem grau mínimo de desesperança. Este fato coincide aos dois grupos. Com nível Leve, foi observado em 8,82% dos participantes, sendo maior a incidência no grupo 1. Já o nível Moderado não houve incidências. Foi identificado apenas uma amostra de nível Grave presente no grupo 1, sendo necessário levar em consideração o funcionamento psicológico e intensidade da depressão deste fato em exclusivo. Observou-se maior incidência de desesperança em indivíduos com até 2 anos de aposentadoria, que pode estar relacionado ao fato deste ser o momento crítico nesta fase da vida, em decorrência do processo de adaptação. O baixo índice de desesperança nos participantes relaciona-se ao fato de serem indivíduos ativos socialmente, com bom acesso a saúde e segurança e que não apresentam patologias frente a este momento de vida marcado pela aposentadoria. A correlação de Spearman entre os valores totais de qualidade de vida e o índice de desesperança apresentam uma correlação negativa (G1 $r_s = -0,4484$; G2 $r_s = -0,1007$) o que indica que quanto maior a percepção de qualidade de vida, menor o índice de desesperança neste grupo de pessoas estudadas. A correlação de ambos os grupos não se mostrou estatisticamente significativa (G1 $p = 0,07$; G2 $p = 0,70$).

CONCLUSÕES

Considera-se a aposentadoria como um momento de transição importante, de crise na vida e no trabalho do homem moderno, permeado assim, por conflitos que requerem adaptação e preparo. Ao comparar o índice de qualidade de vida e desesperança de dois grupos estudados, tiveram correlação negativa (G1 $r_s = -0,4484$; G2 $r_s = -0,1007$), ou seja, quanto maior o índice de qualidade de vida, menor a desesperança nesta etapa da vida. Assim, o presente estudo apresentou indivíduos que estão bem adaptados a este momento da vida, com baixo índice de desesperança. São indivíduos ativos socialmente, que frequentam centros de apoio à saúde do idoso, que continuam os estudos e que praticam atividades voluntárias e religiosas com frequência. A maioria destes indivíduos possuem alto grau de escolaridade e boa renda familiar. Mediante os resultados apresentados na presente pesquisa que demonstraram incipiência de percepções do momento da aposentadoria na população pesquisada do Alto Tietê, sugere-se a continuidade de estudos que contemplem variados coortes da população, oferecendo oportunidade de serviço psicológico na prevenção e enfrentamento desse momento de crise.

REFERÊNCIAS

BECK, A. T.; ALFORD, B. A.; FREEMAN, A. RUSH, J.; SHAW, BF; EMERY, G. **Terapia cognitiva da depressão**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

CAMARANO, Ana Amélia. O idoso brasileiro no mercado de trabalho. Rio de Janeiro: IPEA: Texto para discussão, 2001.

COUTRIM, Rosa Maria da Exaltação. **Idosos trabalhadores: perdas e ganhos nas relações intergeracionais**. Sociedade e estado, Brasília, v. 21, n. 2, p. 367-390, 2006.

FRANÇA, Lucia Helena de Freitas Pinho; SOARES, Dulce Helena Penna. Preparação para a aposentadoria como parte da educação ao longo da vida. **Psicologia ciência e profissão**, Brasília, v. 29, n.4, p. 738-751, 2009.

MOREIRA, Marilda Maria da Silva. **Trabalho, qualidade de vida e envelhecimento**. Tese de Doutorado. 2000.